

Cadernos do CEDI 5



MISSÕES EVANGÉLICAS COM ÍNDIOS E LAVRADORES

CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 (Fundos), Cosme Velho
Telefone 205-5197
22241 Rio de Janeiro, RJ/Brasil
Em São Paulo: Av. Higienópolis, 983
01238 Higienópolis, SP

Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 – Rio de Janeiro, RJ.
Registro de acordo com a Lei de Imprensa.

Diretor: Domício Pereira de Matos
Coordenador: Paulo Cezar Lourenço Botas
Planejamento Visual: Claudius Ceccon

Arte: Anita Slade

Equipe Redatorial:

Carlos Cunha

José Ricardo Pereira Ramalho

Conselho Editorial:

Carlos Alberto Ricardo

Letícia Cotrim,

Zwinglio Mota Dias

José Ricardo Pereira Ramalho

Carlos Rodrigues Brandão

Jether Pereira Ramalho

Eliseu Lopes

Henrique Pereira Júnior

Carlos Mesters

Beatriz Araújo

Composição, Fitolito e Impressão

Europa – Empresa Gráfica e Editora

Rua do Riachuelo, 109

Boletim do GTME 1

Agosto de 1980

MISSÕES EVANGÉLICAS COM ÍNDIOS E LAVRADORES

GRUPO DE TRABALHO MISSIONÁRIO EVANGÉLICO (GTME)

Em agosto de 1979, missionários metodistas, luteranos e pastores presbiterianos reuniram-se em São Paulo para trocar experiências e debater os desafios de seu trabalho. Daí surgiu o GTME, uma organização interdenominacional que visa maior intercomunicação entre os missionários e Igrejas Evangélicas no Brasil, na esperança de um serviço mais consciente das necessidades do povo sofrido a que desejam servir.

Biblioteca - Koinonia

(X) Cadastrado

(X) Processado

Sumário

- 3 Reflexões sobre o Povo Kaiowá
- 6 Plantando Igrejas nas Estradas da Amazônia
- 9 Missão Luterana para os Índios de Guarita
- 11 Missionários Luteranos Denunciam
a Invasão das Terras dos Índios Suruí
- 14 Os Sentidos da Evangelização:
Um Debate entre Missionários
- 21 Com os Gaúchos no Mato Grosso
- 22 Roças Comunitárias com os Kaiowá
- 23 Documento Final do Encontro
“Presença Evangélica nas Fronteiras Internas do País”

Reflexões sobre o Povo Kaiowá

Opiniões do Rev. Scylla Franco, Coordenador do GTME

O Rev. Scylla Franco, metodista, missionário entre os índios Kaiowá, sul do Mato Grosso, foi escolhido para coordenar o Grupo de Trabalho Missionário Evangélico GTME. Reproduzimos aqui algumas passagens de um artigo seu sobre “As Ovelhas de Outro Aprisco”.

O arroz que não vingou –
segundo Scylla Franco



Uma pioneira entre os Kaiowá,
Áurea Briannezi

Áureo Briannezi e a plantação de
soja dos índios



O erro de muitos missionários foi que eles creram ser os índios pagãos, adoradores do demônio, feiticeiros etc... Isso foi uma grande barreira, para não dizer besteira. Muitos tentaram demolir uma fé que não conheciam e perderam com isso verdadeiras pontes que poderiam levar os índios ao Cristianismo, sem violência.

A pergunta que constantemente me faziam era: "Mas, se tem um só Deus, por que tantas religiões e por que um fala mal do outro?" Desafio quem quer que seja para tentar explicar isso ao índio sem dizer que há mais de um Deus e que ele realmente entenda. As nossas explicações satisfazem a nós, não a eles.

Ora se o Evangelho é boa-nova, não é possível crer num evangelho devastador e escravagista, que os coloca em penúria agora, para, na eternidade, gozar de muitas coisas que já tinham aqui antes do branco.

A falta de compreensão de seus valores levou a diversas formas de repressão, de proibir os crentes de participarem de certas cerimônias até de certo chefe de posto "zeloso" que chegava a interromper a chicha e derramar a bebida, com a intenção de proteger os crentes. Avaliar o que isso significou é o mesmo que se descesse aqui um marciano e nos obrigasse a seguir a sua religião, proibisse o natal, semana santa e fizesse os coríntios torcerem pelo Palmeiras. Essa evangelização de seqüestro poderia produzir tudo menos cristãos... Suspendam os benefícios materiais e vejam quantos cristãos sobram.

Os caiuás são fortemente espiritualistas e em seu altar se encontram instrumentos de culto e não ídolos.

A crença num dilúvio que eles chamam de enchente, o processo é todo complicado e provavelmente nunca repetirão da mesma maneira, uns dirão que se salvarão de barco, outros que subirão em árvores altas, ou o indiozinho que disse que o Noé deles fugiu de caminhão para a missão. Mas uma coisa é certa: eles têm uma estória de dilúvio.

Um cataclisma universal, quando o seu salvador virá sobre as águas (essa crença é comprovadamente pré-colombiana), pestes, fomes, secas, grande incêndio, são prenúncios do fim, por isso quando as doenças dizimavam uma comunidade, eles levantavam acampamento. Até hoje eles ficam tremendamente excitados quando escapa fogo da queimada, e, quando termina, a expressão é de alguém salvo de um afogamento.

A crença num paraíso que chamam de terra sem males, que muito se assemelha ao novo céu e à nova terra da Bíblia, e onde as desgraças ficam de fora, inclusive a maior delas que são os Carais (homens civilizados), onde a banana não é como aqui que dá um só cacho.

Ser rezador é um privilégio, e o indivíduo aprende a rezar ou a dançar a chicha por inspiração própria, cantando com outros mais experientes. Mas também é um perigo, se não tiver vida séria pode até morrer. Aqui também há semelhança, pois Paulo disse que muitos dormiam e morriam por tomarem a Ceia indignamente.

Por outro lado, a ginástica que precisa ser feita para entrar no céu dos "caraigueras" lhes é de todo incompreensível, e o mau testemunho dos cristãos que os cerca é tremendamente desestimulante. No fundo acho que eles pensam que se tiverem que agüentar esses brancos de novo no céu, é melhor ficar por aqui.

O caiuí cristão é, acima de tudo, um indivíduo que procura tirar o maior proveito, e há até histórias curiosas como a do índio que depois de um mês de batizado veio buscar o pagamento... Eles chamam os crentes de irmãos, dizem "paz do Senhor" aos pentecostais e pedem santinho ao padre. No tempo em que a Igreja Católica batizava sem muitas exigências, eles procuravam batizar os filhos o maior número de vezes possível para ganharem presentes dos padrinhos e terem um bom número de compadres. Se me disserem que eles são safados, eu direi que aprenderam com os civilizados. Talvez o único grupo que alcançou sucesso entre eles sem lhes oferecer



"Cabeçantes" de roças comunitárias se reúnem

bens materiais e até têm conseguido receber deles são os pentecostais, e a razão disso é que os pentecostais apelam ao fanatismo e oferecem bênçãos imediatas tais como: cura, proteção contra o mau olhar e obras de feitiçaria, colheita abundante, sorte nos negócios e outras bênçãos espirituais de ordem prática, além, naturalmente, do ambiente místico, dos cânticos espirituais, das revelações e línguas, tão comuns às crenças originais dos caiuás.

O uso da língua é desestimulado, muitas professoras não falam nem “bom-dia” no “idioma” e são nomeadas às vezes pelo simples fato de serem esposas de chefes de posto.

Dentro da aldeia não há nada escrito na língua, nem placa, nem documentos, avisos, nem qualquer coisa, embora por este Brasil haja até jornal em japonês, árabe e tudo o mais, sem falar nas designações codificadas: P.I., T.B., D.R. (o resultado é que a nova geração já não fala a língua e perde a passos largos a memória histórica num suicídio étnico).

A linguagem religiosa requer ainda maior cuidado e às vezes se traduzem para o guarani hinos que foram mal traduzidos para o português, e assim eles recebem a mensagem de terceira mão, que não lhes diz respeito. Hinos que cantam a passagem do Jordão, do Mar Vermelho, ou qualquer outro momento épico de Israel absolutamente não lhes dizem nada, apenas papagueiam.

Dona Lóide Bonfim escreveu um corinho cuja mensagem dizia: “Aqui na terra eu trabalho com dificuldade, lá no céu eu vou trabalhar bem”. Todas as vezes que eu pedia a eles que escolhessem um corinho, esse vinha infalivelmente, porque dizia respeito a uma realidade deles.

As chamadas aberturas, conquanto no momento sejam apenas réstias de luz, já permitem ver alguma coisa, apesar de que nossas pupilas dilatadas pelas trevas das restrições democráticas não podem encarar de frente a aurora que desponta preguiçosa e restrita.

O caiuí nunca foi de opor resistência, sempre fugiu toda vez que foi molestado. Hoje se encontram no extremo da aldeia e só permanecem lá porque não têm para onde ir. Ainda é comum que em caso de opressão ou calamidade, eles se mudam para outro posto abandonando o seu, ou simplesmente se matam. Por isso não acredito que eles tenham sido escravizados ou reduzidos. Se se escravizar um caiuí, ele simplesmente se deita numa estiva e morre da mesma forma que nasceu.

O mal do índio é que ele sempre esteve ligado ao Ministério errado. O Ministério do Interior pela sua natureza é desenvolvimentista e terá sempre no índio um entrave ao desenvolvimento. Num país onde a estrutura agrária é uma iniquidade, onde um cidadão estrangeiro pode ser dono de um “Jari”, quem vai se preocupar em arrumar terras para meia dúzia de selvagens?

A terra agricultável não dá um hectare por índio e como poderá ele competir com o lavrador gaúcho que, além da técnica, conta com um respaldo bancário que mesmo o caboclo matogrossense não tem?

Seu conceito de trabalho é muito diferente do nosso. Para ele trabalho é festa, ele não trabalha para produzir excedentes, não se escraviza ao relógio e, acima de tudo, detesta ser mandado.

Os projetos de roça comunitária são sem dúvida a única opção do momento. Além de mantê-los mais unidos, usam mais racionalmente a terra. Entretanto o alto custo da destoca manual não deixa saldo e a destoca mecanizada faz deles espectadores e é altamente deseducativa. Por outro lado a existência de projetos individualistas tem criado dentro da aldeia diferenças sociais enormes e o caiuí começa também a perder a visão que tem do trabalho, para pensar em adquirir coisas como: televisão, carro, casa de madeira etc. e, não conseguindo, frustra-se.



Dois tempos na roça comunitária:
Momento de pausa para a foto
A colheita do arroz

